

Apresentação

Presentation

Esta 18^a edição reúne trabalhos de pesquisadores de 27 instituições diferentes. São 540 páginas de 26 artigos e 4 resenhas, avaliados por 130 pareceristas e editados por uma equipe de 15 editores e 10 revisores. São pesquisadores que investigam fenômenos linguísticos na busca por compreender melhor a linguagem e propor inovações no ensino de línguas. São professores e alunos de graduação e pós-graduação que voluntariamente oferecem seus serviços para contribuir com a divulgação da ciência linguística.

Nesse momento em que somos bombardeados com as notícias de cortes de bolsa para a

LIMA, Maria Claudete *et. al.*.
Apresentação. **Entrepalavras**,
Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 08-13, maio-
ago/2019.

pesquisa pelos principais órgãos de fomento, Capes e CNPq, este volume — apenas um em dezenas de outros publicados nesse período no país — representa um pouco da resistência que temos de ter para continuar a fazer pesquisa nas universidades de todo o Brasil. A capa, essa obra em serigrafia de Aldemir Martins, alude a esse momento político e social que vivemos hoje, que não provoca riso, mas um profundo desgosto. Não podemos, todavia, nos deixar abater por ele. Há que sermos corajosos para continuar fazendo e divulgando a pesquisa linguística no Brasil.

A propósito, divulgação científica é o tema do artigo que abre o volume. Carolina Mazzaron

de Castro (UNESP) e Jean Cristtus Portela (UNESP), observam de que modo a revista *Actes Semiótiques* “configura o gênero e a prática de divulgação científicos”. Para tanto, os autores se basearam em Fontanille e concluíram que a internet favorece a construção de um enunciário que “pratica a atividade científica: pesquisa, cruza dados e indexa autores e temas”. Também em abordagem semiótica, mas noutra vertente, Zeno Queiroz, da Universidade Federal do Ceará – UFC, analisa a letra e a melodia de “Muito romântico”, canção de Caetano Veloso, com o fim de avaliar como “letra e melodia se compatibilizam para criar um sentido que escape daquilo que se espera do discurso romântico”. Segundo o autor, a canção revela um enunciador que “aposta em um sutil jogo tensivo entre tematização e passionalização”.

Ricardo Afonso-Rocha (UNESC) e Iago Moura Melo (UNESC), baseados na Análise Materialista de Discurso, tomam como tema o silêncio-de-si na análise que fazem da construção do personagem “pai” no conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”. Para os autores, “é o silêncio fundante (...) que admite a permanência no não dizer como forma de objetar a Identidade”. Já Allane de Souza Pedrotti Matos (PUC-RJ), parte do

conceito de Estigma em Goffman para avaliar, em uma entrevista com uma mulher negra, as marcas de ruptura ao estigma e os momentos de proteção de face. A autora conclui que o esforço da participante em desconstruir o estigma “ressignifica as marcas e os estigmas sociais racistas sofridos”. Com base na Análise do Discurso pêncheuxiana, Nathiele Sandi Saraiva (UFPEL) e Luciana Iost Vinhas (UFPEL), examinam marcas linguísticas, como repetições e reproduções de discursos pré-construídos sobre o papel da mulher na sociedade, nos dizeres de duas mulheres em regime de privação de liberdade. Os resultados revelam os discursos existentes sobre o que é ser mulher e o que significa ser uma mulher no ambiente carcerário.

Os dois últimos trabalhos desse bloco representam contribuições à Linguística Textual. William Cesar Ramos (UEM), Cintia Bicudo (UEM) e Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo (UEM), baseados em uma adaptação do modelo CARS de Swales para o gênero artigo de opinião, estudam vinte artigos de opinião produzidos por vestibulandos e considerados ótimos pela banca, a fim de comparar sua estrutura retórica com a de artigos de opinião produzidos por jornalistas. Jeydson Jonys Barros Batista (IFPI), apoiado em Custódio Filho (2011) e Lima

e Cavalcante (2015), discute o papel argumentativo do processo de recategorização sem menção de expressão referencial em dois memes sobre a reforma do ensino médio no Brasil.

O próximo bloco de artigos se concentra em descrição e análise linguística. Gilson Ramos Lopes Neto, da Universidade Federal de Pelotas e bolsista Capes, e Mirian Rose Brum-De-Paula, da Université de Paris-X, à luz dos Sistemas Adaptativos Complexos e da Fonologia Gestual, fazem uma análise experimental de dados espectrais de vogais protéticas produzidas por nove informantes brasileiras, em sequência de sibilante com consoante (#sC) em língua francesa como língua adicional. Os resultados mostram que o “repertório fonológico das informantes parece não refletir fielmente a L1”. Marcela Nunes Costa (UNIFESP) e Rafael Dias Minussi (UNIFESP) estudam, em *corpora* do Português Brasileiro e com base no modelo teórico da Morfologia Distribuída, o estatuto dos sufixos de diminutivo – *inh* e –*zinh*, para investigar a independência de –*zinh*, uma vez que alguns dados admitem apenas esse sufixo e não –*inh*. Os autores concluem que –*zinh* é independente e tem a natureza de raiz.

No artigo seguinte, Márcia Teixeira Nogueira (UFC) e José Alber Campos Uchoa (UFC)

abordam, no âmbito da sintaxe funcional de Halliday (1985) e de Keizer (2007), a indeterminação de fronteira categorial entre o aposto e o adjunto adnominal. Os autores traçam um percurso do tratamento do tema que vai da sintaxe tradicional à funcional, passando pela sintaxe estrutural. Marine Laísa Mattes e Rozane Rodrigues Rebechi, as duas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, usando a metodologia da Linguística de *Corpus*, comparam quantitativamente o uso de colocações da *Academic Collocation List* em dois corpora acadêmicos: o *British Academic Written English* e o *Brazilian Academic Written English*. A análise revelou que os brasileiros usam as colocações de modo adequado, quando comparados aos britânicos. Fundamentada na Gramática Cognitiva de Langacker, Sandra Aparecida Faria de Almeida (UFJF) analisa, em dados de fala, como se manifesta a inter (subjetividade) em construções completivas epistêmicas em inglês, em especial, as do tipo [SN VEpist [that S]]. Os dados mostraram que “as construções sintáticas em relevo exibem intersubjetividade tanto em termos conceptuais quanto estruturais, permitindo reivindicar o conceito como um elo conceptual que une essas construções em rede”.

Rakel Beserra de Macêdo

Viana (UECE) e Aluíza Alves de Araújo (UECE) avaliam em 2.199 dados, retirados do *corpus* Português Oral Culto de Fortaleza-PORCUFORT, a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos na variação dos verbos existenciais *existir* e *ter*. A análise revelou como fatores relevantes para o emprego de existir: posição do SN, tipo de registro, traço semântico do SN, concordância entre verbo e SN, tempo e modo verbal e faixa etária. Gracy Kelly Rodrigues (UFBA) e Silvana Soares Ribeiro (UFBA), com o objetivo de verificar semelhanças e diferenças na denominação de “nuca” e “tornozelo”, em nove localidades baianas, comparam dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) e do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), coletados entre 1960 e 1961 e entre 2001 e 2013, respectivamente. O estudo mostrou a diversidade lexical da Bahia. Para “nuca”, as autoras encontraram lexias como *cabelouro, cangote, nunca, nunca e toutiço*. Para “tornozelo”, depararam-se com os termos *bodinho, calcanhar, canela, cotovelo, junta, licuri, mocotó, peador, tendão e tornozelo*. Aleise Guimarães Carvalho (UFPB) e Erivaldo Pereira Nascimento (UFPB) discutem a abordagem do discurso relatado pela Gramática Normativa e pela Semântica Argumentativa, usando como ilustração ocorrências

de discurso relatado no gênero Projetos de Pesquisa de TCC de dois cursos de graduação distintos. Os pesquisadores observam, por fim, que as duas abordagens divergem principalmente por a primeira considerar apenas o aspecto estrutural, enquanto a outra leva em conta o funcionamento de cada ocorrência de discurso relatado.

Abraão Janderson dos Santos Amaral (UFPI) e Raimundo Isídio de Sousa (UESPI), analisam, em textos da revista *Veja*, as discursivizações sobre o Piauí. Os autores, fundamentados na Análise do Discurso de Pêcheux e Orlandi, concluem que a revista *Veja* “rearticula uma memória discursiva sobre o estado do Piauí, pela qual são construídos/mobilizados dois movimentos de sentido: os sentidos de generalização e de escassez”. Concebendo a escrita como acontecimento discursivo, Valnecy Oliveira Corrêa Santos (UFMA), e Sulemi Fabiano Campos (UFRN), analisam as atitudes de leitura em relatórios de estágio curricular obrigatório em língua portuguesa e concluem que as leituras realizadas pelos professores em formação “fortalecem discursos sobre a escola e a prática docente, sob a ideologia de os estar combatendo”.

O modelo das Tradições Discursivas é a base a partir da qual Fernanda Faustino da Silva Ribeiro Aguiar (UFRN), investiga

as interferências linguísticas em produções de artigo de opinião por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A autora observa que a leitura de gêneros da escrituralidade resulta em substituição de “interferências que caracterizam a oralidade pelo emprego de estruturas voltadas à distância comunicativa”. Jean Carlos da Silva Gomes (UFRJ), ocupa-se com a aquisição do aspecto *perfect* por falantes nativos do espanhol da Argentina aprendizes do português como L2. O autor aplicou dois testes linguísticos cujos resultados mostraram que os alunos “transferem padrões de realização morfossintática do aspecto *perfect* de sua L1 para a L2”. Susana Ridaio Rodrigo (UAL-Espanha) e Francisco José Rodríguez Muñoz (UAL-Espanha), apresentam uma proposta de ensino, em seis fases, das estruturas vocálicas a alunos universitários falantes do espanhol como L1. A pesquisa mostrou, comparando as fases 1 e 6 do treinamento, que houve uma considerável melhora no reconhecimento dos quatro tipos de estruturas vocálicas que formam hiato em espanhol e, conseqüentemente, no desenvolvimento da consciência fonológica dos estudantes.

Michelle Lecheta (UNIOESTE) e Isis Ribeiro Berger (UNIOESTE) observam as intervenções linguísticas em

muros e paredes de um *campus* universitário em Foz do Iguaçu (PR) para compreender como a percepção dessa Paisagem Linguística pode revelar questões políticas e socioculturais que ultrapassam o meio acadêmico. As autoras registraram 53 fotografias da paisagem linguística da instituição e, baseadas nas características demográficas da população acadêmica, observaram “a urgência do tensionamento e da discussão de questões como identidade(s), equidade de gênero, tolerância, ações afirmativas, dentre outras tantas demandas que nos parecem escapar dos muros da universidade, extravasando-se a incontáveis espaços urbanos, midiáticos e virtuais.” Carla Daniele Nascimento da Costa (UFPA) e Ana Vilacy Moreira Galúcio (UFPA) discutem o status da escrita no contexto educacional da língua indígena Sakurabiat, analisando crenças e atitudes linguísticas relacionadas à escrita da língua indígena de três professores da etnia Sakurabiat. A língua Sakurabiat compõe a família linguística Tupari, família do tronco Tupi, é falada no estado de Rondônia (Brasil) por apenas 12 de um total de 74 indígenas desta etnia. Pelos sérios riscos de extinção que sofre esta língua, compreende-se a importância da publicação deste trabalho, que investiga o status da escrita da língua na fala de professores Sakurabiat,

de um programa de formação de professores indígenas no nível de magistério, projeto Açaí, realizado pela Secretaria de Educação do Estado de Rondônia (SEDUC-RO).

Isabel Cristina Gomes Basoni (UFES) e Marianna Cardoso Reis Merlo (UFES) investigam as propostas de um exemplar da coleção *Alive!* com o fim de verificar em que medida esse material contribui para a representação social do educador como agente de letramento. Marcos Ferreira Barbosa (UFPA) e Myriam Crestian Chaves da Cunha (UFPA) analisam nove propostas de Sequência Didática, elaboradas por alunos de licenciatura em Letras-Português, focalizando a forma como foi planejada a produção inicial e a avaliação diagnóstica. O objetivo era verificar a apropriação do procedimento Sequência Didática pelos professores em formação.

Cícero da Silva (UFTO) busca compreender como o contexto de ensino da Pedagogia da Alternância e a produção do gênero Caderno da Realidade são práticas de letramento significativas para os estudantes. A pesquisa analisa um exemplar do Caderno da Realidade produzido por um aluno do 9º ano de uma Escola Família Agrícola de uma cidade de Tocantins e conclui que o estudante viu sentido “na produção de seu discurso, pois este se articula às suas práticas sociais,

expressa sua identidade e realidade social”. Gilberto Alves Araújo, da University of the Witwatersrand (África do Sul), Gizelia Maria da Silva Freitas (UFPA) e Jorge Adriano Pires Silva (UFPA), nesta revisão crítica, discutem a hipótese do Filtro Afetivo e o construto da motivação, avaliando o potencial das duas propostas para explicar fenômenos relativos à aquisição de segunda língua.

Esta edição apresenta ainda quatro breves resenhas: *Multilingual Brazil: Language Resources, Identities and Ideologies in a Globalized World*, de Cavalcanti e Maher (2018), por Alana Fries, (UFRGS); *Vocabulary Increase and Collocation Learning: a Corpus-Based Cross-Sectional Study Of Chinese Learners Of English*, de Hayan Men (2018), por Larissa Goulart (NAU-EUA); *Alfabetização: a questão dos métodos*, de Magda Soares (2016), por Narjara Oliveira Reis (UFSC), e, por fim, *Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot*, de Ducrot e Biglari (2018), por Alexandre Kirst de Souza (UNISC) e Cristiane Dall Cortivo Lebler (UNISC).

Que possamos continuar a fazer pesquisa neste país e a divulgá-las, servindo-nos da coragem, da resistência e da esperança de dias melhores.